



## UM DEBATE ACERCA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA A PARTIR DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Thomáz Augusto Sobral Pinho <sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo tem como objetivo refletir acerca da Educação Inclusiva tomando como base a teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner. A teoria surge a partir de uma insatisfação de como a inteligência era entendida, sobretudo diante dos parâmetros empregados para medi-la. Gardner destacou que existem uma diversidade de inteligências, as quais todos os indivíduos as possuem, uma(s) mais desenvolvida(s) do que outras. Atualmente, mediante o autor, trabalha-se com oito tipos de inteligências: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista, todas com a mesma relevância, entretanto, considerando a realidade do sistema educacional, as duas primeiras são colocadas em posição de destaque. No que tange à Educação Inclusiva, entende-se como um processo de democratização do espaço escolar, no qual todos os indivíduos, independente das suas condições, têm como garantia o acesso e, sobretudo, a permanência. Ao relacionar à teoria de Gardner com a Educação Inclusiva, propõe-se valorizar a pluralidade que se existe no ambiente escolar, evidenciada a partir das variadas inteligências. Acredita-se que o processo de ensino-aprendizagem deve se adaptar às necessidades de todos os educandos, e não o inverso. Ou seja, se preza por métodos e avaliações que ao invés de julgar a inteligência dos estudantes, identifiquem suas melhores habilidades, as potencializando ainda mais, e estimulem as demais. Metodologicamente, o artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica nas plataformas: *Scopus* (Elsevier), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na base de dados do Google Acadêmico, a partir das palavras chaves: Educação Inclusiva e Inteligências Múltiplas.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Inteligências Múltiplas, Psicologia da Educação.

### INTRODUÇÃO

A segunda metade da década de 1990 é marcada por uma intensificação nas discussões entorno da Educação Inclusiva, uma vez que se aumentou a cobrança por uma integração concreta de todos os indivíduos no âmbito escolar. Os principais marcos do referido período enfatizam que é indispensável uma inclusão efetiva de pessoas com necessidades especiais, a exemplo da Declaração de Salamanca (1994) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), as quais propõem que as escolas de Ensino Regular incluam esses

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [pinhothomaz10@gmail.com](mailto:pinhothomaz10@gmail.com);



alunos em seus processos de ensino e de aprendizagem. Pontua-se que as instituições de ensino, como ambientes-chave na formação cidadã, “constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 8-9).

Ao tratar sobre Educação Inclusiva é importante, a princípio, verificar o que se entende por uma escola inclusiva. Peixoto et al. (2017), destaca um processo educacional o qual objetiva integrar, em um processo coletivo, todos os estudantes, estimulando suas potencialidades de forma participativa e inibindo qualquer forma de discriminação e preconceito. Ressalta-se que a Educação Inclusiva não está voltada exclusivamente às pessoas com deficiência ou outras necessidades especiais, mas, em sua essência, assim como pontuado por Peixoto et. al (2017) e por Anache (2007), assegura que todos, independente das suas características e obstáculos, estejam em situação de equidade, gozando livremente do seu direito de ser educado. Ou seja, propõe-se a escola como um espaço democrático e com possibilidades de se trabalhar com sua totalidade, não distinguindo os educandos por classe social, gênero, etnia ou outras condições pessoais, como algum tipo de deficiência.

Entende-se que a prática pedagógica deva estimular a globalidade dos indivíduos, considerando todas as suas dimensões e as exercitando. Sendo assim, o presente estudo, ao tratar da Educação Inclusiva, dá um enfoque no processo de integração de todas as pessoas, não limitando-se às que possuem necessidades especiais. Acredita-se, assim como salientado por Moraes (2013), que cada aluno possui a sua singularidade e, diante disso, a escola tem o papel de entender que deve lidar com objetivos e necessidades distintas, promovendo a inclusão a partir de um processo de ensino que englobe tais particularidades. Trazendo as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner no processo de inclusão educacional, defende-se que a forma de aprendizagem de cada aluno é diferente. Ou seja, a escola inclusiva é abordada a partir da premissa de que é importante compreender o indivíduo na sua singularidade, com suas diferentes dificuldades e particularidades, resultando em formas distintas de se aprender (BARBIERI et al., 2008).

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da Educação Inclusiva a partir da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, o qual considera que existem uma variedade de inteligências as quais estão presentes em todos os indivíduos, em maior ou menor grau, variando de acordo com às condições ambiente, culturais e/ou de socialização, determinadas pelas experiências e vivências ao longo da vida. Trata-se de uma abordagem



entorno de um processo de ensino-aprendizagem inclusivo o qual considera a escola como um espaço plural, onde os seus alunos possuem necessidades distintas de aprendizagem, indicadas, nesse contexto, pelas inteligências múltiplas.

## **METODOLOGIA**

Para o presente estudo, foi realizada uma revisão de literatura a partir das seguintes palavras-chave: Educação Inclusiva e Inteligências Múltiplas. As buscas englobaram artigos científicos sobre os temas abordados encontrados nas plataformas: *Scopus* (Elsevier), *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e na base de dados do Google Acadêmico.

A partir das produções selecionadas, foram elaboradas três categorias temáticas, sendo elas: Legislações, Teoria das Inteligências Múltiplas e Educação Inclusiva, nas quais se organizou o referencial teórico a ser utilizado nas reflexões durante o texto.

A princípio, analisou-se separadamente o tema da Educação Inclusiva e a Teoria das Inteligências Múltiplas, para que, posteriormente, fosse possível relacioná-los, tomando como base as ideias do autor da teoria supracitada, Howard Gardner.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O meio social é marcado por uma variedade de regras que são impostas como corretas, as quais os indivíduos devem seguir para que estejam encaixados nos padrões, enquanto outras características são negligenciadas e/ou banalizadas. Seja em questões referentes à classe social, gênero, posição política, necessidades especiais, etnias, religiões, entre outras, há regras que ditam o que é certo ou errado e o que é normal ou anormal, alimentando cada vez mais a discriminação e a exclusão de grupos na sociedade.

No debate acerca da Teoria das Inteligências Múltiplas, contesta-se o que se entende por inteligência, a qual, em uma visão mais tradicional, é compreendida como a capacidade que uma pessoa tem de responder testes os quais definem o seu Q.I (TRAVASSOS, 2001). No entanto, Howard Gardner, autor da teoria, inconformado com a maneira que se lidava com a inteligência, destacou que tais pontos não indicam se uma pessoa é mais ou menos inteligente do que outra, tendo em vista que a inteligência é algo que não se mede através de testes de papel e lápis ou



formulários online e tais avaliações não descrevem a variedade de habilidades cognitivas que podem ser identificadas em um ser humano (GARDNER, 1995).

Howard Gardner, baseado em estudos cognitivos de Piaget e Vygotsky, acredita que cada ser humano possui capacidades diferentes ou as várias inteligências, as quais dão suporte a sua Teoria das Inteligências Múltiplas, proposta em 1983. De acordo com o estudioso, todos os indivíduos detém os oito tipos de inteligências, sendo elas: lógico-matemática, linguística, espacial, musical, interpessoal, intrapessoal, corporal-sinestésica e, incluída posteriormente, a naturalista. Com base em Gardner (1994; 1995), as inteligências são definidas das seguintes maneiras:

- **Inteligência lógico-matemática:** popularmente falando, esse tipo de inteligência se evidencia em pessoas que possuem maior facilidade de resolver questões matemáticas, cálculos e outras problemáticas abstratas. Além disso, utilizar a razão para conclusões e envolver o pensamento lógico na solução de problemas do cotidiano, podem indicar um maior desenvolvimento da inteligência lógico-matemática em um indivíduo.
- **Inteligência linguística:** diz respeito à capacidade de uma pessoa se expressar, seja pela linguagem ou por meio de gestos, não limitando-se à oralidade, mas também a outras formas de expressão. Ademais, destaca-se que quem possui a inteligência linguística com maior clareza, normalmente interpreta melhor as ideias, tendo em vista que possui mais aptidão com as palavras.
- **Inteligência espacial:** esse tipo de inteligência está relacionado à percepção visual e espacial indicada pelos indivíduos, considerando a capacidade de interpretação e criação de imagens visuais. Uma vez que explora bastante as espacialidades, a inteligência espacial possibilita uma melhor compreensão das informações gráficas, a exemplo de leituras de mapas.
- **Inteligência musical:** essa inteligência é encontrada mais desenvolvida em pessoas que possuem afinidade com diferentes sons, identificando padrões de tons e ritmos com grande facilidade.
- **Inteligência interpessoal:** a empatia é um sentimento-chave nessa inteligência. A interpessoal diz respeito à capacidade de compreender os sentimentos, as motivações e desejos de outras pessoas. Liga-se, também, à facilidade de se relacionar com outros, impulsionando a coletividade e a comunicação. O educador é um dos profissionais que estão relacionados a essa categoria de inteligência.



- **Inteligência intrapessoal:** enquanto a anterior está voltada ao reconhecimento do outro, a intrapessoal refere-se à capacidade de conhecer a si mesmo, decifrando os seus sentimentos e desejos. Diante disso, estimula o controle de suas atitudes e emoções, sobretudo a partir do exercício de autorreflexão.
- **Inteligência corporal-cinestésica:** nessa inteligência o uso do próprio corpo caracteriza o principal indício da sua presença. As pessoas que a detém com maior desenvolvimento controlam melhor os movimentos corporais, considerando as suas expressões, a coordenação motora, assim como o equilíbrio na realização de movimentos.
- **Inteligência naturalista:** nos seus primeiros estudos, Gardner trabalhava apenas com as sete inteligências acima. No entanto, o estudioso sempre deixou evidente a possibilidade de se considerar outras formas de inteligência. Sendo assim, a inteligência naturalista foi acrescentada a lista em 1995, configurando-se como a capacidade de compreender com mais delicadeza o mundo natural, englobando a variedade de plantas, animais e elementos abióticos.

Para Gardner (1999) e Bönmann (2012), as oito inteligências estão presentes em cada pessoa, no entanto, apresentando-se em variados níveis a depender dos estímulos que são dados ao longo da sua vida, resultando no maior ou menor desenvolvimento de tais inteligências. Ou seja, um indivíduo pode possuir uma maior facilidade para solucionar questões matemáticas (inteligência lógico-matemática), mas encontra grande dificuldade para lidar com as suas emoções (inteligência intrapessoal), evidenciando a necessidade de tratar o ser humano em sua globalidade. Essa diversidade está presente em todas as pessoas, as quais possuem potencial para desenvolver integralmente as múltiplas inteligências, entretanto, são necessários estímulos adequados às particularidades de cada indivíduo.

E é partir da diversidade de capacidades ou inteligências que um indivíduo detém, considerando a variação do nível no qual elas se manifestam, que a Teoria das Inteligências Múltiplas, em contato com a educação, destaca a necessidade de respeitar as diferenças e as múltiplas formas de se aprender (GARDNER, 1995). Um aluno enquanto um ser único, apresentando suas individualidades, deve ser estimulado das mais variadas formas, respeitando as suas limitações e prezando por um desenvolvimento integral (BARBIERI et al., 2008). No entanto, comumente o que acontece é o inverso, e os estudantes são submetidos a processos avaliativos que desconsideram uma variedade de potencialidades que se existe, utilizando apenas alguns parâmetros, normalmente relacionados às inteligências lógico-matemática e linguística,





os quais julgam quem possui mais inteligência e quem é menos inteligente. Nesse contexto, para Antunes (1998), as avaliações devem indicar as maiores habilidades de um aluno e não negligenciá-las.

Uma escola inclusiva, considerando-se as múltiplas inteligências, deve auxiliar o aluno para que ele alcance a sua harmonia, ou seja, desenvolva integralmente as oito inteligências a partir da vivência com diversas práticas de ensino. Assim como pontuado por Silva (2004), as abordagens de ensino devem ser adaptadas às potencialidades individuais de cada estudante, assim como “à modalidade pela qual cada um pode aprender melhor” (SILVA, 2004, p.55). Ou seja, trata-se de oportunidades dadas para que os alunos façam parte concretamente dos processos de ensino e aprendizagem, compreendendo os conteúdos escolares de acordo com as suas capacidades, e, concomitantemente, desenvolvam novas habilidades.

Para se refletir entorno da Educação Inclusiva tomando como referência as ideias de Howard Gardner, é preciso, primeiramente, pensar a escola enquanto um espaço heterogêneo, onde há uma pluralidade de aptidões representada por educandos que apresentam pontos fortes para determinadas disciplinas ou práticas e outros mais fracos (PEIXOTO, et al., 2017). Ademais, é necessário reconhecer a variedade e ter a consciência que tanto os pontos mais fracos, quanto os mais fortes devem ser valorizados e desenvolvidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tratar sobre inclusão no ambiente escolar é pensar em uma escola de todos e para todos, independente da condição humana de cada aluno. Ou seja, entende-se a Educação Inclusiva como um processo de construção de um espaço democrático o qual considera as particularidades dos seus sujeitos e busca as desenvolver, repensando suas práticas e adaptando-as às necessidades que surgem de acordo com as variadas singularidades, atendendo assim a sua totalidade (ALENCAR et al., 2016).

Levando em conta às múltiplas inteligências, verifica-se no contexto da educação brasileira, um enfoque maior nas inteligências linguística e lógico-matemática, seja no que tange à adoção de práticas pedagógicas ou em relação a parâmetros avaliativos de variados índices classificatórios, a exemplo das provas de vestibulares e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o qual é destinado a avaliar o desempenho das escolas.



Howard Gardner acredita que todas as oito inteligências devem ser priorizadas homogeneamente, todavia, reconhece uma maior valorização na linguística e na lógico-matemática:

nós colocamos as inteligências linguística e lógico-matemática, figurativamente falando, num pedestal. Grande parte de nossa testagem está baseada nessa alta valorização das capacidades verbais e matemáticas. Se você se sai bem em linguagem e lógica, deverá sair-se bem em testes de QI e SATs, e é provável que entre numa universidade de prestígio, mas o fato de sair-se bem depois de concluir a faculdade provavelmente dependerá igualmente da extensão em que você possui e utilizar as outras inteligências, e é a essas que desejo dar igual atenção (GARDNER, 1995, p.15).

Compreende-se que o processo de Educação Inclusiva a partir das Inteligências Múltiplas é algo complexo, uma vez que necessita de reestruturações de currículos escolares e de mudanças em métodos avaliativos e em práticas pedagógicas adotadas pelos docentes. Nesse contexto de inovação no processo de ensino-aprendizagem, Minetto (2008) destaca que o novo traz insegurança, justamente devido às modificações que são exigidas. Dessa forma, verifica-se que práticas tradicionais embasadas por parâmetros julgados como corretos resistem, desconsiderando as diferentes potencialidades existentes e ignorando a necessidade de formação do aluno em sua globalidade.

Assim como Howard Gardner já tinha reconhecido todas as oito inteligências com igual relevância, no processo de inclusão dos indivíduos no ambiente escolar, deve-se considerar que não existe grau hierárquico de importância entre essas capacidades e que nem todos têm os mesmos interesse e habilidades. Ou seja, pensando-se na escola enquanto espaço democrático e em uma educação efetivamente inclusiva, as práticas pedagógicas e, sobretudo, as avaliações, precisam contemplar as variadas maneiras de se aprender para que os estudantes possam expressar-se de acordo com as suas capacidades.

Entretanto, o fato de uma pessoa possuir diferentes graus de desenvolvimento de determinada(s) inteligência(s), não inibe a necessidade de estimular as demais que se apresentam menos desenvolvidas. Assim como já pontuado, segundo as ideias que sustentam a teoria, todos os seres humanos convivem com as oito inteligências e a forma como ela se apresenta está justamente ligado aos estímulos aos quais elas são submetidas. Portanto, é papel do educador auxiliar os alunos a desenvolverem todos os tipos de inteligência, utilizando meios variados que ao invés de julgar o grau de desenvolvimento de uma inteligência, contribua no



seu estímulo, para que no futuro os discentes possam encontrar um equilíbrio aproximado de suas capacidades (CAMPOS; SILVA, 2009; MORAES, 2013).

Uma das formas de se estimular estas inteligências, assim como destaca Lakomy (2003), é o trabalho interdisciplinar, a partir de:

trabalhos em grupo; jogos pedagógicos; dramatizações; leitura e interpretação de livros; produção e leitura de textos; a comunidade, para que os alunos realizem atividades extracurriculares; incentivos a sua participação em projetos individuais ou coletivos; encorajamento para a utilização de conhecimentos adquiridos na realização de tarefas fora da escola; orientação para que os alunos sejam capazes de documentar seus trabalhos e, assim, compreender seu processo de aprendizagem (LAKOMY, 2003, p.69)

A interdisciplinaridade viabiliza que indivíduos com menor aptidão em determinada(s) disciplina(s) ou tema(s) possa se inserir em um processo de ensino-aprendizado conjunto no qual uma diversidade de habilidades é incentivada. Ou seja, os pontos fracos de um aluno pode ser fortalecido a partir de um trabalho coletivo com uma disciplina que ele possui maior afinidade e na qual as suas habilidades se destacam. Dessa forma, sua formação tende a ser mais prazerosa e outras capacidades podem ser desenvolvidas.

Quando se trata acerca da Educação Inclusiva, deve-se pensar além do acesso de todos ao meio escolar, ampliando a visão para a permanência dos alunos. Tal permanência depende dos meios que a escola oferta à essas pessoas, os quais devem estar adaptados às suas condições. Isto é, o sistema educacional deve estar pronto para saber lidar com as diferenças e saber associar o acesso à permanência, e que esses processos priorizem a qualidade e a equidade (BRASIL, 1999). Ainda no que tange ao processo de uma inclusão efetiva, com os olhares voltados à permanência dos alunos, a Declaração de Salamanca (1994) reafirma que as diferenças devem ser compreendidas como circunstâncias naturais e a escola, em seu movimento pedagógico, deve considerá-las, adequando-se e atendo às necessidades de aprendizagem dos seus educandos.

Ademais, vale ressaltar que ao considerar a condição de equidade, pontuado no parágrafo anterior, reforça-se a ideia de propor práticas educacionais e processos avaliativos que objetivem atender os sujeitos de acordo com suas características individuais. Isto é, no que diz respeito às avaliações, por exemplo, o interessante seria adotar processos pedagógicos que não se limitem à reprovar ou aprovar os discentes. Processos os quais, como já pontuado em alguns pontos do texto, comumente são padronizados, não atendendo à diversidade de





inteligências verificadas por Howard Gardner, contemplando, portanto, apenas algumas pessoas. Como consequência, a partir dos resultados que tomam como base os rendimentos dos alunos, se tiram conclusões de quem é inteligente e de quem não é, o que na verdade representam julgamentos que negligenciam outras habilidades dos estudantes que não atingem notas suficientes. Vale destacar que, em algumas situações, o fator nota é responsável por casos de discriminação, seja no meio escolar ou até mesmo no familiar, onde adjetivos pejorativos são direcionados àqueles que ficam abaixo da média.

Costa et al. (2016), tratando das ideias de Gardner acerca dos meios avaliativos, salienta a necessidade de o professor preparar avaliações que harmonizem com a inteligência que está sendo testada. O autor exemplifica que normalmente se cobra respostas de conteúdos por escrito, e o aluno que não possui um bom desenvolvimento da inteligência linguística, mas em contrapartida tem a espacial em maior evidência, deixará a desejar. Corroborando a ideia do autor, trazendo outro exemplo, compara-se duas pessoas que possuem habilidades distintas, uma possui afinidade com a dança e a outra não, sendo que a última se destaca com a sua oralidade. Na disciplina de Educação Física o(a) professor(a) solicita que os alunos apresentem uma dança como requisito para nota, ou seja, a primeira pessoa, provavelmente, obterá um melhor desempenho. No entanto, supondo uma situação inversa, na qual o(a) docente propõe um seminário abordando algum tipo de dança, o provável é que a segunda pessoa tenha maior facilidade para executar o proposto. Ou seja, essas diferenças fazem parte da realidade educacional e não devem ser negligenciadas.

Uma vez que havia-se uma preocupação com as crianças que não obtinham bons resultados nos testes padronizados, e, conseqüentemente, considerava-se que elas possuíam poucos talentos, Travassos (2001) destacou alguns pontos do que seria uma escola ideal na visão de Gardner, os quais estão sintetizados abaixo:

- 1- A princípio, é importante ressaltar que nem tudo vai ser aprendido. Ou seja, ao enfatizar a necessidade de estimular as inteligências menos desenvolvidas no discente, não significa impor a ele algo que fuja das suas potencialidades. Trata-se de adotar métodos os quais, concomitantemente, contemplem esta inteligência, que o aluno já detém, e que esteja ao seu alcance. Um ponto importante a se destacar é que Gardner deixa evidente que sua teoria volta-se para o campo da Psicologia, sendo assim, não sugere metodologias específicas ou padrões a se seguir, tampouco aborda como devem ser conduzidos os planejamentos escolares. Contudo, uma vez que se entende a relevância



da sua teoria e se trabalha com as múltiplas inteligências, considerando, também, as maneiras de identificá-las, gestores, educadores e outros profissionais da educação possui um leque de possibilidades para, mediante a criatividade, lidar com a diversidade existente no ambiente escolar (SILVA, 2016).

- 2- Um outro tópico diz respeito à “como saber o que fazer para alcançar as potencialidades de cada aluno?”. Propõe-se, como parte da equipe pedagógica, especialistas e agentes de currículo. O primeiro teria como tarefa identificar e buscar compreender as capacidades e os distintos interesses dos alunos, enquanto o segundo teria a função de adaptar os currículos de acordo com os estilos de aprendizagem. O professor, também, pode assumir um papel nesse quesito, ao propor avaliações que identifiquem as habilidades dos seus educandos, podendo ser atividades de formato livre, prezando pela autonomia dos estudantes, ou estimulando a prática da autorreflexão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi exposto, conclui-se que ao trazer a teoria das Inteligências Múltiplas ao debate acerca da Educação Inclusiva, abre-se possibilidades de compreender que o ambiente escolar é ainda mais plural, uma vez que, considerando-se a multiplicidade da inteligência, é possível reconhecer as diferenciadas forças cognitivas e as formas diversificadas de se aprender. Diante disso, constrói-se processos de ensino e de aprendizagem voltados à expandir o que se vivencia através dos componentes curriculares, desenvolvendo ações que valorizem à variedade de capacidades/inteligências.

No entanto, verifica-se o quanto é complexo a adoção de meios que estimulem homogeneamente as oito inteligências. Na realidade, vivencia-se um sistema no qual as capacidades lógico-matemáticas e linguísticas se sobressaem em relação às demais, sobretudo devido à lógica de preparação dos alunos para os vestibulares, os quais se utilizam, prioritariamente, dessas duas inteligências. Mas, assim como o próprio Gardner e Hatch (1989) pontuaram, a vida não se limita apenas a raciocínios lógicos e à questões linguísticas, e a escola, enquanto instituição de grande influência no processo de socialização dos indivíduos, deve favorecer o conhecimento de diversas disciplinas básicas e que esses saberes sejam utilizados no seu cotidiano, favorecendo o desenvolvimento de suas potencialidades.



É indubitável que a maior dificuldade está relacionada aos padrões que são impostos no funcionamento do sistema educacional. Portanto, a escola deve assumir um papel de resistência diante dessas adversidades, abrindo espaço, na sua autonomia, para meios que se estimulem a formação integral dos seus educandos, formando sujeitos críticos que reconheçam e valorizem as suas capacidades e promovendo uma educação efetivamente inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, D. N. F. ; ALVES, C. D. N. ; SILVA, C. O. ; ARAUJO, R. C. S. S. . **EDUCAÇÃO INCLUSIVA, POLÍTICA EDUCACIONAL E DIREITOS HUMANOS**: uma reflexão sobre a legislação brasileira. In: III CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal – RN. Anais III CONEDU. Campina Grande: Editora Realize, 2016. V.1.

ANTUNES, Celso. **As inteligências Múltiplas e seus estímulos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BARBIERI, A. et al. **Interdisciplinaridade, inclusão e avaliação na educação física**: contribuições na perspectiva das inteligências múltiplas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Campinas, v.7, n.2, p.119-127, jun. 2008.

BRASIL, MEC. Salto para Futuro: **EDUCAÇÃO ESPECIAL**: Tendências Atuais. Secretaria de Educação a Distância. Série de Estudos, ISSN1516-2079; v.9. Brasília; Ministério da Educação, SEED, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BÖNMANN, R.D. **O Uso da gestalpedagogia no desenvolvimento das inteligências múltiplas aplicada ao processo de ensino-aprendizagem**. 2001. 97f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CAMPOS, S. P. P.; SILVA, M. G. S. P. **A Leitura e a teoria das inteligências múltiplas**: um encontro possível em sala de aula. Norte Científico: periódico de divulgação científica do IFRR, Roraima, v.4, n.1, p.97-112, dez. 2009.

COSTA, C. B. ; JÚNIOR, A. M. F. ; ANTUNES, E. G. S. . **Inteligências múltiplas**. In: Siderly do Carmo Dahle de Almeida, Camilla Barreto Rodrigues Cochia Caetano, Fabricio Ricardo Lazilha, Ludhiana Ethel Kendrick Matos Silva. (Org.). Conhecimento e educação. 1ed. Maringá: Cesumar, 2016, v. 1, p. 9-201.



**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

GARDNER, H., & HATCH, T. **Multiple intelligences go to school: Educational implications of the theory of multiple intelligences**. Educational Researche 1989.

GARDNER, Howar (1994). **ESTRUTURAS DA MENTE: a teoria das inteligências múltiplas**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed.

GARDNER, Howard (1995). **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução: Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artmed 1995.

GARDNER, Howard (1999). **O Verdadeiro, o Belo e o Bom: os princípios básicos paraa nova educação**. Rio de Janeiro: Objetiva.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. ed. IbpeX Ltda. Curitiba: FACINTER, (Faculdade Internacional de Curitiba), 2003. p. 63-72.

MINETTO, M. F. **O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: entendendo esse desafio**. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

MORAES, M.F. **A Teoria das inteligências múltiplas no ensino de língua espanhola: recursos e estratégias de aprendizagem**. 2013. 92f. Monografia (Apresentada ao final do curso de Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PEIXOTO, S. P. L.; ALMEIDA, R. S; CRISPIM, M. S. S.; SILVA, D. S. . **A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: construindo uma educação para todos**. Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais (UNIT), v. 4, p. 89-106, 2017.

SILVA, L. C. R. . **Teoria das Inteligências Múltiplas: conhecimento significativo para uma nova prática avaliatia**. Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad , v. 2, p. 106-119, 2016.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira. **Diversidade na aprendizagem das pessoas com necessidades especiais**. Curitiba: IESDE, 2004. p. 55-67.

TRAVASSOS, L. C. P. . **Inteligências Múltiplas**. Revista de Biologia e Ciências da Terra , v. 1, n.2, p. 01-25, 2001.